

COMENTÁRIO BÍBLICO

Domingo de Páscoa – Ano A

12abril2020

Jeremias 31,1-6; Salmo 118,14-24; Atos 10,34-43

S. Mateus 28,1-10

¹Depois do sábado, quando já rompia a manhã de domingo, Maria Madalena e a outra Maria foram ver o túmulo. ²De repente houve um grande tremor de terra, porque um anjo do Senhor desceu dos céus, rodou para o lado a pedra da entrada do túmulo e sentou-se nela. ³O seu rosto brilhava como um relâmpago e a sua roupa era branca como a neve. ⁴Os soldados que estavam de guarda, ao verem-no, começaram a tremer de medo e ficaram como mortos.

⁵O anjo disse então às mulheres: «Não tenham medo. Eu sei que procuram Jesus que foi crucificado. ⁶Não está aqui, pois ressuscitou conforme ele mesmo tinha dito. Venham cá ver o lugar onde ele estava. ⁷E agora vão depressa dizer aos discípulos: Ele já ressuscitou e vai à vossa frente para a Galileia. É lá que o vão de ver. Era isto o que eu tinha para vos dizer.»

⁸Elas afastaram-se do túmulo a toda a pressa, atemorizadas, mas cheias de alegria, e foram a correr levar a notícia aos discípulos.

⁹Nisto, o próprio Jesus foi ao encontro delas e saudou-as. Então aproximaram-se dele, agarraram-se-lhe aos pés e adoraram-no. ¹⁰Jesus disse-lhes: «Não tenham medo! Vão ter com os meus irmãos e digam-lhes que vão para a Galileia e que lá me vão de ver.»

1. *Aleluia! Cristo ressuscitou! Ressuscitou verdadeiramente o Senhor!* – a exclamação laudatória da identidade cristã. Sim, o cristianismo está ligado indissolúvelmente à Ressurreição de Jesus. E esta não se explica, constata-se somente («*venham ver o lugar onde ele estava*» - vº 6) e aceita-se ou não. O Apóstolo Paulo coloca o Cristo ressuscitado como a realidade central da mensagem cristã e da fé que lhe corresponde - «*se Cristo não ressuscitou, é vã a nossa pregação, e vã a vossa fé*» (I Cor. 15, 14).

A fé ilumina o nosso caminho e mostra-nos que a resposta à aspiração suprema do ser humano – viver feliz – é Jesus Cristo ressuscitado. Ele mantém e fortalece o nosso instinto de conservação e a esperança de que tanto precisamos para poder viver. Mas, temos de aceitar que a mesma fé nos propõe viver de modo que “em lugar de pensarmos Cristo em função do mundo, devemos pensar o mundo e todas as coisas a partir d’Ele”.¹

2. «*Atemorizadas, mas cheias de alegria*» (vº 8) No anúncio da Ressurreição de Jesus as mulheres experimentaram ao mesmo tempo sentimentos contraditórios, como os discípulos. Na altura ainda não sabiam lidar com o inesperado de Deus.

É uma circunstância humana que nos assalta em muitos momentos da nossa vida, com uma dinâmica própria. Normalmente estende-se ao longo de uma distância temporal que nos matura a existência, exige paciência e esperança feitas de comportamentos adequados e convicções profundas. Entre o medo e a alegria, o primado da fé «*esperando contra a esperança*» (Rom. 4,18). Este é um dos problemas maiores do nosso viver atual. A tecnologia que tanto nos ajuda no nosso quotidiano também nos molda a um modo de estar em que o ‘já’ e ‘agora’ são palavras-chave. Lentamente vamos perdendo o sentido do ‘futuro’ e vergamo-nos

á inexorável vontade do 'presente'. E, quer queiramos ou não, isto desvia-nos do significado da Ressurreição de Cristo, como cerne da nossa caminhada na fé.

Celebremos, pois, a Ressurreição como evento alegre e luminoso («*Este é o dia da vitória do Senhor, cantemos e alegremo-nos nele*» - Salmo 118, 24). Nela, e a partir dela, temos o que nos alavanca para um estado de espírito que nos mitiga o medo e nos mostra a direção da luz. É uma certeza que nos acompanha na vida, mas tanto mais eficaz quanto sempre tivermos presente que a mesma foi precedida da paixão e morte do ressuscitado. Na realidade da nossa vida – sabemos por experiência – o sucesso é sempre acompanhado por manifestações do mal de origem inexplicável. Seja uma doença, uma tentação moral para que fomos arrastados e caímos, ou mesmo uma ameaça epidémica como a que estamos a viver. Até Jesus teve de enfrentar essa oposição maléfica no abandono, traição e negação de alguns dos seus discípulos, na calúnia, tortura e condenação à morte por parte das autoridades religiosas e políticas. Podemos dizer que “Deus experimentou, em Jesus, o mal e a morte”. E que, por isso, “Jesus morreu para que nós possamos morrer da sua morte ressuscitada.”ⁱⁱ Então, alegremo-nos com a Ressurreição de Jesus e vivamos a partir dela em crescendo até ao amor, à aceitação do outro e à fé.

3. «*É em tua casa que vou celebrar a Páscoa*» (S. Mateus 26,18). Talvez o Senhor nos esteja a dizer que a Páscoa é também, e em especial, uma experiência de interioridade.

Perante o insólito que atingiu as nossas vidas, com a eclosão do coronavírus, a Páscoa deste ano acontece com as Igrejas fechadas e nós sujeitos a um confinamento que não permite as acostumadas manifestações sociais e familiares. Mas, tal não impede que a Páscoa se faça presente na vida de cada um e de cada uma.

O Jesus ressuscitado anda por aí naquelas e naqueles que se dão ao risco das suas vidas para salvar as dos outros – médicos, enfermeiros, auxiliares de saúde, polícias, GNRs, bombeiros, cuidadores de lares, etc – pelos quais devemos cantar em uníssono e bem alto “*Cristo já ressuscitou! Aleluia!*” (Hino 120 – SH). Por outro lado, este tempo de isolamento pode ser uma boa oportunidade para pensarmos. “A vida é um bem, não é um facto” (Fernando Gil) pelo que é nosso dever cuidar dela, mais do que estar agarrado a ela. Ora, cuidar da nossa vida é olhar para o que somos, fazemos e dizemos, estar a tento ao modo como a usamos para nós e em relação com os outros, enquanto mordomos de um bem que nos foi dado e em função d’Aquele que no-la deu. Se vemos na Ressurreição de Jesus o ‘nascido’ de uma nova vida – e não somente um ‘voltar’ à vida – compreendemos que essa ‘vida nova’ se pode também celebrar no isolamento da nossa casa ou da cama do hospital, no silêncio dos nossos pensamentos e das nossas memórias, na oração confiante e na solidária por aqueles que sofrem, na leitura dos textos bíblicos deste tempo litúrgico, numa palavra, na procura atenta do significado da nossa existência. Foi isso que Jesus explicou à mulher samaritana: «*Deus é espírito e os que o adoram devem adorá-lo em espírito e em verdade*» (S. João 4, 24).
Santa Páscoa!

+ Fernando

Bispo Emérito da Igreja Lusitana

ⁱ Romano Guardini, ‘O Senhor’, Livraria Moraes Editora, Lisboa, 1964, pg. 408

ⁱⁱ Jorge Teixeira da Cunha, Editorial, ‘Voz Portucalense’, 25mar20